



BATALHA DE WATERLOO.

## HISTORIA CONTEMPORANEA.

*Batalha de Waterloo.*

A PORFIOSA batalha peleijada nos campos de Waterloo, na Belgica, é um dos maiores acontecimentos do nosso seculo; tão celebre por uma multidão de occorrencias singulares nos fastos da arte da guerra, como pelos seus resultados politicos, porque libertou a Europa do poder de Napoleão. Quando

VOL. V. JULHO 31. — 1841.

este homem, por tantas razões notavel, segunda vez tomou assento no solio de França, vendo que a Europa queria á viva força derriba-lo, começou em poucos dias os immensos preparativos para se manter, intentou primeiro collocar-se na defensiva, fortificar as posições e praças mais importantes, pôr onde fosse possível boas guarnições, e regularisar e conservar prompto sempre um corpo de tropas com que podesse acudir a qualquer ponto ameaçado. Mas os conselhos dos seus generaes e amigos, acostuma-

dos a vencer com elle, e mais que tudo as instigações do proprio genio o impelliram a mudar este prudente plano; e quem sabe se elle previa que os francezes, cansados de tantas lutas sanguinosas, recusariam sacrificar-se pelo phantasma da gloria e pelo prestigio do nome do imperador, dentro de muralhas, nos seus lares, nos campos paternos, como o haviam feito por estranhos reinos contrastando a resistencia dos homens, os obstaculos dos terrenos e por vezes arrostando com as difficuldades que em climas rigidissimos a natureza lhes oppunha? — Em summa Buonaparte resolveu-se a desenvolver novamente toda a actividade de seus talentos militares, e a tentar se a fortuna lhe seria ainda propicia. Só na Belgica se tinham podido reunir os seus adversarios: mas nessas provincias estavam acampados duzentos e vinte quatro mil soldados inglezes, prussianos, hollandezes, belgas, saxonios, e do Hannover e de Brunswich. Para alli converteu Napoleão toda a sua attenção. A 14 de Junho de 1815, o exercito francez, na força de 84:600 infantas, de 21:600 cavallos, com 350 boccas de fogo, achava-se reunido a uma legua das fronteiras da França por aquella parte, e o imperador, n'uma proclamação datada do seu quartel general de Beaumont, lembrava aos seus camaradas que esse dia era o anniversario de Marengo e de Friedland, e que para todo o francez valoroso era chegado o momento de vencer ou perecer. Os corpos d'exercito, inglez e prussiano, commandados pelos generaes Wellington e Blucher, deramados por districtos entre si distantes, offereciam uma linha extremamente dilatada: o designio de Napoleão era toma-los de improviso, separa-los absolutamente, combatê-los um por um, principiando pelas tropas prussianas: parecia que este plano inculcava bom exito, tanto mais que os inimigos, cheios de segurança, nem por sombras suspeitavam que nesse mesmo dia 14 o exercito francez viria travar-se com elles. Porem exactamente nesse dia tres officiaes superiores [Bourmont um delles] passaram ao inimigo revelando o plano do ataque, e os prussianos poderam fazer acceleradamente os preparativos para a defensa, e reunir os corpos que tinham dispersos: todavia ainda em 15 e 16 ganhou Napoleão grandes vantagens. Os prussianos desbaratados em Ligny com perda de 25:000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, retiraram-se em desordem, deixando uns vinte mil homens transviados pelas margens do Mosa. O marechal Ney recebeu ordem de tomar, no dia 16, a ponderosa localidade dita dos *Quatre-bras*, que era a unica paragem por onde podiam reunir-se as tropas inglezas, disseminadas por distinctos e afastados quarteis; e segundo as instrucções recebidas devia tambem accometter a retaguarda dos prussianos. Mas estas ordens não foram ou não poderam ser executadas; os restos do exercito da Prussia escaparam, e os inglezes, que acampavam dispersos, poderam incorporar-se. Taes se apresentaram os preludios, ou como queiram dizer os presagios da famosa batalha de Waterloo.

Ao despontar o dia 17 de Junho, as tropas francezas, estendidas pelo campo da batalha de Ligny, tinham á sua direita os prussianos em retirada para Bruxellas, e á sua esquerda os inglezes feitos n'um corpo inteiro no sitio dos *Quatre-bras*. Mandou o imperador que o marechal Grouchy, que commandava a ala direita, perseguisse vivamente os prussianos, e se conservasse sempre entre elles e a estrada de Charleroi a Bruxellas, sobre a qual estavam os inglezes, de maneira que impedisse a junção desses dois exercitos, ficando ao mesmo tempo em communicação permanente com o centro do exercito francez.

As tropas inglezas e alliadas, que alcançaram juntar-se, eram em numero de 90:000 homens, entrando 40:000 inglezes, que eram os unicos bons soldados deste grande corpo; e por isso Napoleão, apesar de contar só uns setenta mil homens pela sua parte, confiava na victoria. Na manhaã do dia 18 os alliados estavam em ordem de batalha coroados as alturas na frente do bosque de Soignes e tendo o centro no monte de S. João. Havia dias que a chuva tinha cahido em torrentes e o terreno achava-se encharcado, difficultando por isso os movimentos militares: só ás onze horas começou o commettimento contra a linha ingleza: havia uma hora que andava travado o combate, e os francezes levavam a melhor, quando o seu general descubriu um corpo de tropas, que apparecia a muita distancia pela esquerda do exercito inglez: eram 30:000 prussianos ás ordens de Bulow: — «Tinhamos ainda ha pouco [disse então Napoleão] noventa probabilidades a nosso favor contra dez; esta chegada de Bulow nos faz perder trinta.» — Todavia mandou sahir a sustê-los o general Lobau com 10:000 homens. Parecia extraordinario que o marechal Grouchy deixasse passar os prussianos; por tanto occorria a lembrança de que talvez vinham fugindo, e de que não tardaria o marechal em seu seguimento.

Reduzido ficára o exercito francez a 59:000 combatentes contra 90:000; o ataque progrediu: resistiam os inglezes com grande coragem, e esta batalha deu motivos a Napoleão para elogiar a firmeza das tropas britannicas: porem o ardimento dos veteranos francezes obtinha vantagens, e ás cinco horas da tarde as bagagens e os feridos do exercito inglez estavam em tumultuosa retirada para Bruxellas. Os intrepidados soldados da Graã-Bretanha oppunham a mais heroica resistencia ás violentas cargas da cavalleria franceza; e Lord Wellington vendo a horrivel carniceria, mettido dentro de um quadrado, chegou a verter lagrimas e a exclamar: — «Ainda algumas horas serão precisas para cortar a ferro estes valentes soldados; oxalá que anoiteça ou que cheguem os prussianos!»

No entanto a gente do general Lobau cedia o campo perante a superioridade numerica dos soldados de Bulow; mas enviadas contra este novas tropas o obrigaram a retroceder e a abandonar os inglezes: eram sete horas, e nesse transe outros 30:000 prussianos, commandados pelo general em chefe Blucher, appareceram de permeio, entre Bulow e Wellington; e o marechal Grouchy nem os impedira, nem chegava, como lhe fôra ordenado. Empenhouse terceira batalha, então extremamente desigual, os alliados tinham recebido 30.000 homens, que vinham de fresco renovar o combate; entrou a desordem nas fileiras francezas; e apesar das habeis manobras, mandadas por Napoleão, e que os generaes experimentados admiram, nem os esforços do genio, nem o valor pessoal aproveitaram; a chegada de Blucher decidiu neste dia da sorte de Napoleão e talvez que dos destinos da Europa.

A nossa gravura é transumpto d'um quadro de Mr. Steuben, apresentado na Exposição de 1835; representa o imperador, quando a confusão reinava nas tropas francezas, no acto de esporear o cavallo e lançar-se no meio do ultimo batalhão de reserva, onde alcançava a metralha; e os seus generaes e soldados veteranos, uns já feridos, outros ainda de pé, rogando-lhe que se retirasse, e até empregando os meios de o tirar do perigo á viva força. Mr. Steuben goza os creditos de artista mui perito, e o seu painel tem sido applaudido.

## A MORAL E O SÉCULO.

(Continuado de pag. 237.)

MAS não julgueis vós que estas vozes as alevanto em como brado para todos — não. Nem vos pertendo roubar ao coração a fé e a confiança, nem quero ir com mão desenganada rasgar-vos o veu de gratas illusões, se por dita vossa as tiverdes ainda. — Ai! é quanto na terra vale agora para a felicidade.

Ha ainda almas de forte tempera que o geral contagio não pôde alcançar ou contaminar. Ha-as. E que fóra de nós outros se não as houvera? Creio na honra, creio na boa fé, creio no sentimento e na amizade; e eu mesmo, que assim vos fallo e vos passo em revista todo o feio e hediondo do que ahí se passa entre os homens, sou viva prova da valia de amigos, eu que a amigos e concidadãos devo tudo, nada a senhores nem a poderosos. Prosigamos. Preferira antes desenhar-vos quadros risonhos ou tocantes de bellas e nobres acções, de elevadas virtudes; fóra-me o cargo, sobre mais agradável, menos penoso. Mas a missão do escriptor não é adular as turbas cegas, nem aformoscar-lhe caminho já de si tão bello, tão liso, e tão facil; cumpre-lhe educa-las como já em outro logar o disse. — É seu mister encaminha-las nos desvios obliquos, obstruidos de barrancos e precipicios e perigosos em vallas e cortaduras incognitas; é portanto uma necessidade o descobrir-lhes os escolhos e mortaes arrecifes escondidos por esses escarcéus ferventes e rugidores, que se dizem homens, sempre a embaterem-se e a espedaçarem-se uns nos outros.

Não me julgueis inimigo da sociedade, nem me imagineis aversão e horror ao mundo. Lamento-o no particular. Brado-lhe severamente no publico: é quanto posso fazer. Meus brados e lamentos, bem o sei eu, teem para elle igual effeito. — Não importa.

Vejam-lo e examinemo-lo com olhos de reflexão.

O seculo em que caminhâmos é seculo de transição: vê-se que os homens tendem a um fim; qual elle seja ou se ignora ou é difficil a resposta. A mente avida, toca, esboça, remeche tudo. Ha sede de alguma cousa incognita, grande e nobre no futuro, mas ainda indistincta e duvidosa. A sociedade em crepusculo como que tenta sahir da sua penumbra, e assomar a circulo que avaliamos todo cheio de luz e resplendor. Calcula-se com profundidade — sem duvida demasiada; já n'outra parte o disse — imagina-se longamente. Tantas fadigas e pesquisas devem de ter um resultado. Qual será elle? Poderemos suspeita-lo ou presumi-lo?

Cuido que sim.

Geralmente as reacções moraes teem, como as physicas, a consequencia dos extremos e excessos. Assim se passa da licença para o despotismo. Assim passou, ha pouco, a França, e, ha muito, Roma da republica para o imperio. Assim depois da superstição vem o atheismo. Dominaram até aqui quasi exclusivamente as idéas desdenhosas das varias aristocracias. Valia cada qual, não por si, mas pelo que representava. As considerações herdadas eram vulgarmente as unicas recebidas no geral como verdadeiras considerações. As celebridades do povo nem quasi do povo sahiam, salvo para rastejarem nas antecamaras dos poderosos, ou — publicanos vis! — para venderem e mercadejarem requintadas lisonjas; lisonjas por fóra, sendo escarneos por dentro. Os titulos de nobreza eram o primeiro e indispensavel passo na carreira publica — e quantos de bons plebeus se fizeram maus fidalgos! — A regrada e senhoral sisudesa da sociedade, toda cortesaã, não admit-

tia em seu gremio cabeças que só tivessem por coroa os louros de seus meritos pessoaes. Não poucas vezes se viram então abjectas nullidades trepando por seus brasões d'armas irem assentar-se no alto e de lá dictarem leis insensatas ás multidões servís. Dahi veio a miseria de Camões, a exacerbação de Bocage e o abandono de Filinto. Eram tres almas rijamente temperadas, mas as ideas dominantes, mais rijas do que ellas, espedaçaram-as e as fizeram vergar no encontro. O primeiro devia de ter nascido quasi tres seculos mais tarde: os segundos deveriam não ter morrido ainda; outros que não passaram alem de rasteiros aduladores conceberiam tambem a sua verdadeira missão e far-se-hiam grandes.

Mas eis-ahi que a sociedade caçada de tão aturado jugo, cheia de vida superabundante, trasbordando de succos robustos e existencias fortes que não podiam já conter-se nos curtos limites que se lhe tinham assignado, sacudiu as vestes usadas e o involtorio apertado das ideas velhas, sacudiu-o e folgando de achar-se livre e desassombrada respirou longa e ruidosamente, e foi-se avante a caminhar doudejando como para provar o uso de faculdades tanto tempo inactivas, e aspirar elementos por tanto espaço inutilizados. Fóra agora tão infructifero e perigoso pôr-lhe freio como o seria dizer ás inundações do Nilo que não crescessem, e transpzessem seus diques.

É mister que as cousas sigam seu curso. Fê-las Deus assim, será força que assim caminhem. O mundo no estado de reacção precipitou-se nos extremos. Todos são desculpaveis; só o do crime o não é. Desse fallaremos.

É um seculo de transição este em que estamos: parece-me fóra de duvida. Olhe-se por toda a parte e ver-se-hão homens novos desfazendo em todo o sentido as edificações de outras eras. Carecia-se de reformas; mas não reformaram, destruíram. Eram precisos os adiantamentos, mas frequentemente ou se perderam, ou tergiversaram no caminho. Foram uteis, foram até uma necessidade as mudanças nas instituições, mas deveriam tê-las feito com mais tento. Todos tiveram em si o instincto da grande mudança que se operou; mas todos se espantaram do que fizeram ou ajudaram a fazer. Systemas vagos, revoluções imperfeitas — note-se que só fallo do moral — projectos sem fim certo; eis o que vereis por todos os lados se acertais olhar em momentos de reflexão: no homem e nos homens, nas ideas e nas cousas. Deu-se já um passo gigante, libertou-se a intelligencia. Falta dar outro por ventura ainda maior; moderar e regrar os excessos da subita reacção, montar em seus eixos verdadeiros a maquina social. Para lá caminhâmos. A luz começa a desgrossar as trevas, mas a quantos espectros de feia face illumina ella por agora!

Comprehendeu-se que podia cada qual valer por si. É um aperfeiçoamento. Sómente erraram, cegaram-se no escolher dos meios. Entreviu-se é verdade que havia um grande e formoso fim, um termo elevado e sobranceiro a quanto ha sobranceiro e elevado, o *suum cuique tribue*, mas quando todos ávidos e sedentos corriam a esse termo tão bello e glorioso deu-lhes nos olhos o reflexo do ouro, o brilho da riqueza, o luxo, a opulencia. Voltaram-se então para o novo idolo, e preferiram o sacrificar nos altares de Baal ao seguir no santo proposito — voltaram-se e em vez de quererem ser grandes — grandes por si — quizeram antes enfeitar-se com um pouco de ouropel para que lhes chamassem ricos. — Miséria! miséria!

As intelligencias nobres que já se achavam em

seu caminho recuaram espantadas. As turbas correram em tropel a admirarem a deusa de fresca data; e os homens que viram que a consideração, a valia, o brilhar e apparecer eram quasi exclusiva partilha de alguns punhados de ouro, de escolhidas creaturas que d'antes eram, respirando ao ar livre e ao sol na face da terra, tornaram-se mineiros sombrios, a trabalhar nas trevas — muitas vezes em obras de má tenção — para fulgurarem momentos com ruim esplendor. As faces pallidas e amarellentas dos consumidos pela sede frenetica coraram-se instantes com os reflexos de algumas moedas — reflexos que os deixaram mais amarellos e pallidos do que nunca foram.

E daqui — a consequencia é facil — muitos desses crimes que nos horrorisam; muitos desses paineis de desgraça que diariamente se expõem na grande galeria da sociedade; muitas dessas vidas descoradas e desanimadas pelo abandono e pelo esquecimento. Daqui a inveja, que gera a maledicencia e a murmuração; a ambição, que assolla os povos; a intriga, que derruba e espalha em terra esteril tanta boa e util semente. Daqui finalmente as difficuldades do progresso real e verdadeiro. Em caminho, assim impedido e cortado, a passagem é cruel e ás vezes mortal. No mundo é pouco possivel passar em

chão liso e plano — bem o conhego. Mas tirem-se ao menos os mais rudes espinhos. Possa o viandante adiantar-se sem perigo de esmagar a cabeça de encontro a algum angulo traiçoeiro; dêem a mão ao que alguma vez se perder — e a viagem se acabará e hade acabar-se em pouco. Deixámos já para traz um grande espaço, mas é ainda muito, é immenso o que temos a correr. Fallemos sem figuras: conheçamos a nossa posição verdadeira e respectiva — penetremo-nos da nossa missão — fixemos o fluctuante e vago do nosso espirito — preguemos nesses plainos quasi sáfios um padrão conhecido — creemos um alvo e agrupemo-nos de roda, e sejamos unidos e seremos fortes. — Nem nos deslumbremos por brilhos falsos, nem nos desvairamos em systemas errados.

Cada homem tem obrigação de levar uma pedra ao edificio de todos — leve a que lhe couber nas forças e plante a na devida posição. Assim a edificação crescerá e prosperará.

A vida póde viver-se de dois modos. No lodo do crime ou no bello da virtude. A consciencia é premio ou castigo d'ambos! A chave do primeiro é a licença: a do segundo a moral!

Ouvi a voz do mancebo, ouvi-a; e não lhe repareis para o rosto imberbe nem para os annos verdes!

*Silva Leal — Junior.*



**NATURAES DO AFGHANISTAN.**

HA pouco mais de tres annos que o povo dos afghans tem sido nomeado nas gazetas mais vezes que no decurso de um seculo, sendo a causa a guerra contumaz entre esse povo, auxiliado pelas forças

combinadas da Graã-Bretanha e de Randjit-Sing, rei de Lahor (\*), e os persas, favorecidos pela Russia. Sem entrarmos na questão politica da luta,

(\*) Vid. retrato e biographia a pag. 60 do vol. 2.º

lembraremos tão sómente que o governo inglez assentou que, para segurança e estabilidade dos seus dominios na India, lhe convinha dar soccorro aos afghans para repellirem as incursões dos que os *accommettiam*.

Se o leitor consultar o mappa da Asia, hade encontrar, entre a Persia e o Indostão, o Afghani-tan, reino de consideravel extensão, habitado por gente de animo esforçado, como são todos os povos de regiões montanhosas. Alguns escriptores referem a origem dos afghans aos israelitas, e outros aos egypcios; porem a opinião mais geral os faz derivar dos bandos de hunos e scythas, que ou por emigração, ou por conquista demandaram novo asylo, e gradualmente se estabeleceram naquellas serranias, onde os resguardavam de inimigos a esterilidade do solo e a frigidez do clima: não obstante isso attaccados algumas vezes, e outras submettidos, sempre souberam ou manter-se ou resgatar-se: a sua actual monarchia foi fundada no meado do seculo passado por um official afghan, que andára ao serviço da Persia; mas por morte deste atearam-se as dissensões intestinas no reino, de que se aproveitou Randsjit-Sing para lhes tomar algumas das melhores provincias, que conservou e defendeu mediante um copioso e bem disciplinado exercito debaixo da direcção do general Allard, francez ao seu serviço.

A população do paiz dito Afghani-tan comprehende afghans, tartaros, beluches, e persas; anda ao todo por oito milhões; metade deste numero consta dos legitimos afghans. Estes, posto que tão proximos dos indios, differem delles inteiramente; as feições mui assignaladas, os rostos bronzeados pelo sol, os cabellos e barbas compridos, os grosseiros vestuarios de pelles, tudo isto os distingue muito dos seus vizinhos: cultivam menos as artes sociaes; desconhecem o fausto do Indostão; e administram a justiça mais asperamente e á moda primitiva: mas inda que pareçam rusticos e não-policiados, possuem valentia e garbo marcial, grande apego á sua bravia liberdade, amor da sobriedade, hospitalidade, e mostram desprezo constante pela affinação e indolencia; qualidades que os tornam mais estimaveis que os *limtrophes* indios, cobardes e traiçoeiros.

A sua religião é restrictamente mahometana, mas toleram outras doutrinas. Dividem-se em tribus; mas os cabeças não são hereditarios: cada um delles é de ordinario nomeado pelo monarcha, porem algumas vezes o nomea o povo: é escolhido da familia mais antiga da tribu, com certo respeito á idade, caracter, e experiencia: a escolha é muitas vezes difficil, por causa do numero dos candidatos contendores, e pelo commum não acaba sem derramamento de sangue. Ha reuniões geraes da tribu em que se tomam as decisões, que podem esperar por este ajuntamento; as de immediata urgencia são resolvidas pelos chefes. Administrar justiça é um dos objectos principaes da junção destas assembleas; o codigo por que se dirigem são leis tradicionaes em grande parte, incultas e semi-barbaras, pelas quaes todos os crimes são julgados como offensas meramente pessoais; e o fim das leis é obter compensação para o prejudicado; escurecem os actos de vingança individual quando não são tão excessivos que passem alem da pessoa do perpetrador do attentado. É facil de comprehender quão imperfeita será a legislação desta gente, e ainda muito mais a execução de seus preceitos, visto que não attende á manutenção da ordem social, e todos os casos se decidem como especialidades: não póde haver força moral neste povo, alem da que provem do extremo asferro ao seu paiz natal. Todos os processos criminaes se pleiteam

em presença de um ajuntamento da tribu; e o que vale é que o recto juizo destes povos faz com que as resoluções não saíam tão injustas como se presumiria á primeira vista.

Posto que a polygamia seja permittida, não são as mulheres tão severamente reclusas, como nos outros estados mahometanos. Ha entre elles um costume barbaro: o que incorre em pena por injuria ou damno grave feito a outro é obrigado a entregar ao queixoso certo numero de mulheres, segundo a qualidade do mal que lhe causou; por exemplo doze donzellas é o resgate de um assassinio; e o queixoso fica com plena posse destas creaturas, e as póde vender: daqui nasce uma dissolução dos vinculos estreitos das familias e por consequencia das relações sociaes, porque onde o espirito de familia não é mantido em toda a sua integridade, não póde haver associação humana perfeita. Ha todavia outro meio, que não absolve os defeitos do primeiro, mas que os modifica: isto é, póde o réu, se a parte queixosa o consentir, resgatar as mulheres a preço estipulado em moeda ou em generos.

Os brincos e divertimentos dos afghans são os exercicios de prova de robustez e de agilidade: as caçadas são muito da sua paixão, e fazem largas e perigosas montarias contra animaes intrataveis: nas suas festas e banquetes não falham os saltos mortaes, as corridas, e o atirar a barra, como jogos com que muito se comprazem. Ensinam gallos a combater, e sobre isto fazem apostas. Deleitam-se muito com historias e contos; tem seu romanceiro e canções peculiares; repetem com entusiasmo os cantos marciaes dos seus guerreiros, em que celebram as façanhas da sua tribu respectiva. Conhecem a arte de escrever á moda oriental; e a leitura das poesias os entretém muito, principalmente os habitantes das cidades: possuem poucas obras que tenham de antiguidade mais de seculo e meio; e diz-se que todas são imitações de escriptores persas: tem numerosas escholas onde se ensina a erudição oriental: o corpo dos seus *mollahs* ou doutores religiosos tem seus estudos determinados, e cada individuo passa por exame rigoroso. O idioma afghan é distincto das outras linguas asiaticas.

Preoccupam-se muito com genealogias; não ha verdadeiro afghan que não desenrole sua arvore de familia, comprazendo-se em narrar as proezas de seus ascendentes. O povo é muito dado á vida pastoril: parte habitam em casas, parte em tendas: desprezam o commercio e o trabalho manual, e as pessoas que se empregam nestes misteres; rasão de sobejo para o atrazamento industrial em que se acham a par dos seus vizinhos. As habitações permanentes das ordens inferiores da nação são grosseiramente edificadas de adobes, e cubertas de madeira: os palacios das mais altas jerarchias são construidos ao modo persa, posto que mais inferiores; persas tambem são os ornatos de que os revestem.

Trajam caracteristicamente para se differencarem das nações proximas; não seguem estranhas modas, mantem o vestuario nacional sem alteração de feitiços. Os homens usam tunicas fechadas, como habitos de frades, e uns mantos largos de pelle de ovelha, ou de laã grossa, sendo-lhe preciso abafar-se pela aspereza do clima; mas as capas da gente rica são de veludo, seda forte, ou boas casimiras: destes ultimos tecidos se vestem as mulheres, usando roupinhas e calças: empregam ordinariamente enfeites de metaes preciosos e de pedrarias. — É simples o seu alimento, constando pelo commum de carneiro castrado e caldo: a sua bebida trivial é soro de leite ou sorvete; tem hortaliças e fructas por baixo pre-

ço, e o povo na falta de carnes consome muitos vegetaes. Os opulentos banqueteam-se á persa: todos, pobres e abastados, fazem uso do tabaco.

#### CULTIVAÇÃO DO TABACO.

Como este genero de cultura, que poderia prosperar grandemente em as nossas colonias, e tambem nas ilhas da Madeira e dos Açores, sendo permittido e auxiliado, póde vir a ser de prodigiosa vantagem para essas possessões ultramarinas e para o reino em geral; poremos aqui o que a este respeito se lê nos cap. 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> da 2.<sup>a</sup> parte do livro noticiado a pag. 208 do presente volume.

«Toda a lavra e cultura do tabaco consiste por sua ordem em se semear, plantar, alimpar, capar, desolhar, colher, espinicar, torcer, virar, ajuntar, enrolar, encourar e pizar; e de tudo iremos fallando nos capitulos seguintes. E começando neste pela planta, semea-se esta em canteiros bem esterçados, ou em queimadas feitas nos matos, aonde ha terra conveniente para isso, e aparelhadas no mesmo anno, em que se hade semear. O tempo, em que commummente se semea [no Brasil] são os mezes de Maio, Junho, e Julho, e depois de nascida a semente, nasce tambem com ella algum capim vicioso á planta innocente, o qual se tira com tento, que se não arranque por descuido com o capim vicioso a planta innocente.

Tendo a planta já palmo, ou pouco menos de altura, se passa dos canteiros aonde nasceu, para os cercados, ou curraes, aonde se hade criar, cuja terra, quanto mais esterçada, é melhor. Mas se nos curraes morou por muito tempo o gado; hade-se tirar antes alguma parte do esterco, para que a força delle ainda não curtido do tempo, não queime a planta, em vez de ajudar. Distribue-se a dita terra em regos com riscador, para que a planta fique vistosa. A distancia d'um rego de outro é de cinco palmos, e das plantas entre si é de dois palmos e meio para que se possam estender, e crescer folgadamente, sem uma ser d'embarço á outra. Plantam-se em covas d'um palmo, quanto cava a enxada mettida, e estas se enchem de terra bem esterçada, e, com vigilancia e cuidado, se corre a dita planta todos os dias, para ver se tem lagarta, e esta logo se mata para a não comer sendo tenra. Os inimigos da planta são ordinariamente alem da lagarta, a formiga, o pulgão e o grillo. A lagarta em pequena corta-lhe o pé, ou raiz debaixo da terra, e em crescendo corta-lhe as folhas. O mesmo faz tambem a formiga, e por isso se põe nos regos, aonde esta apparece, outras folhas de mandioca, ou de aroeira, para que dellas comam as formigas, e não cheguem a cortar, e comer as do tabaco, que sendo cortadas desta sorte não servem. O pulgão que é um mosquito preto, pouco maior que uma pulga, faz buracos nas folhas; e estas assim furadas, não prestam para se fazer dellas torcida. O grillo, em quanto a planta é pequena, a corta rente da terra; e sendo já crescida, tambem se atreve a cortar-lhe as folhas.

Sendo já a folha bastantemente crescida, se lhe chega ao pé aquella terra, que se tirou das covas em que foi plantada, daquella parte, que ficou arumada mais alta; porem, em tempo de inverno, não se aperta muito, porque toda está humida; no verão, aperta-se mais para que a terra a defenda, e a humidade, posto que menor, lhe dê o primeiro alimento. E isto faz quem a planta. Estando a planta em sua conta, com oito, ou nove folhas, conforme a força com que vem crescendo, se lhe tira o

olho de cima, ou grelo, antes de espigar, o que por outra phrase chamam capar. E porque faltando-lhe este olho, nasce em cada pé das folhas outro olho; todos estes olhos se hão de botar fóra; [e a isto chamam desolhar] para que não tire a substancia ás folhas. E esta diligencia se faz pelo menos de oito em oito dias, e mais frequentemente se visitam, e correm os regos, para tirar o capim, até estarem as folhas sazoadas: o que se conhece por apparecer nellas umas nodoas amarellas, ou por estar já preto por dentro o pé da folha, o que commummente succede ao quarto mez depois de postas em suas covas as plantas.

Quebram-se as folhas da hastea com o talo, e juntas em casa se deixam estar assim por vinte e quatro horas, pouco mais ou menos: e logo, antes de se esquentarem e seccarem, se dependuram duas a duas pelo pé, mettidas entre a palha [de que constam as casas, em que se beneficiam] e as varas, ou em outra parte, aonde lhes dê o vento, mas lhes não chegue o sol: porque se este lhes chegasse, logo se seccariam, e perderiam a substancia. E tanto que estiverem enxutas em sua conta, que pouco mais ou menos será depois de estarem assim dependuradas dois dias, se botam no chão, e se lhes tira a maior parte inferior, com o devido cuidado, para que se não rasguem com o desvio do talo: e a isto chamam espinicar. E então se dobram pelo meio as melhores, que hão de servir de capa para a corda, que se hade fazer de todas as mais folhas. Advirta-se que as folhas, que se tiraram em um dia, não se hão de misturar se não com as que se tirarem no dia seguinte, para que sejam igualmente sazoadas; e, se não forem assim, umas prejudicarão ao bom concerto das outras.

Curadas as folhas e tirado já o talo como está dito; dellas se faz uma corda da grossura quasi de tres dedos. E para isso haverá roda, e um torcedor entendido, para que a corda fique unida, igual, e forte, e atraz delle estará outro colbendo a torcida sobre um páu, ou sobre o aparelho, como qualquer outra corda simples e não como as que se fazem de cordões, e junto do torcedor são os rapazes, que dão as folhas para se torcerem em corda. —

#### ENCARGOS MORAES DOS MESTRES.

A MAIORIA dos mestres d'eschola tem para si que o estado que abraçam é meramente um modo de vida. Não seria reprehensivel esta maneira de considerar uma profissão tão respeitavel, se a vocação, a habilidade e a diligencia se manifestassem na pessoa do mestre; porque é muito louvavel e até honroso consagrar um homem as suas vigalias, e todo o seu trabalho a um mister, que é de constante exercicio, que não offerece gloriosas perspectivas para o futuro, e que tem mui parca recompensa. Fazer do encargo de ensinar a mocidade degrau para melhor assentar a mandriice, é culpa de consequencias irreparaveis. Quanto ás habilitações para mestres sabemos nós que ha rigor nos exames e informações; mas se todos os providos terão coragem para arrostar com a quasi mendicidade, a que os reduzem os seus diminutos salarios, não o sabemos, e aos poderes do estado cumpre pagar bem aos educadores da mocidade em beneficio da geração futura; porque a actual hahe hir correndo seu caminho com as reliquias do passado, e com a boa ou má criação do presente.

O mestre é um homem, em quem a sociedade delega o mais nobre de seus attributos: compete á sociedade crear os seus filhos para futuros destinos,

em que a sirvam; e este ponderoso encargo da educação commette-se a homens especialmente dedicados a esse ministerio. Bem sabemos que a moralidade dos tenros alumnos deriva principalmente das lições e exemplos das proprias familias: mas não serve esta razão de desculpa para os mestres negligentes, que olham com indifferença para as acções de seus discipulos. Pensam muitos que tendo applicado seus cuidados á leitura corrente, á escripta elegante, á contabilidade desembaraçada, tem cumprido seus deveres; enganam-se, a sua missão é tambem paternal: e quantos discipulos, com pessimos exemplos caseiros, não tem cobrado brios e sentimentos de homens hourados, porque seus preceptores lh'os souberam inspirar? — Os jornaleiros não tem momentos que possam dispensar para vigiar os filhos; as mãis são indulgentes e tambem sobrecarregadas de encargos; quem fica, principalmente nos campos, que zele os interesses moraes da mocidade, senão o mestre?..

É necessario que para bem preencher o seu lugar tenha o professor de primeiras letras perfeito conhecimento da auctoridade paterna e dos seus limites; nem hade ser o aio, nem o tyranno das creanças. A auctoridade adquire-se por certos modos graves e respeitosos sem affectação, que naturalmente induzem os meninos a certo acatamento para com a pessoa que os dirige. Não se consegue nem pelas cãas, nem pela estatura, e semblante carregado: póde o mestre ser moço e jovial; tudo depende de possuir character firme, sempre igual e justo, de ser moderado no fallar e obrar, e de nunca ceder a caprichos momentaneos ou aos impetos da colera. Dirão muitos, difficil será achar um homem desses; mas os que o dizem nunca ensinaram; dai-me um homem honrado, de alma bemfazeja e sincera, com a sufficiente capacidade intellectual, e em poucos mezes de pratica eu vos darei um mestre de eschola consummado. Na depravação do seculo ainda se encontram pessoas com taes qualidades; e ainda mal que a miseria publica constrange alguns a acceitarem os diminutos lucros da profissão honrosa, a que vulgarmente chamam de *mestres de meninos*. Nestas palavras ha um certo pensamento, que revela *indifferentismo*; não se faz o devido caso das pessoas a quem as familias commettem o que tem de mais precioso no mundo, o penhor da sua successão, os seus filhos! Em tudo ha excepções, mas quizeramos ver mais respeitados pelos pais os mestres, para que a tenra prole tambem melhor os respeitasse, não por temor e habito, mas por amor e obrigação. Quizeramos que se constrangessem, por providencias de lei geral ou municipaes, os pais a mandarem seus filhos á eschola: não ha desculpa rasoavel que os defenda do culpavel desleixo de não os mandarem; aulas publicas e particulares tem havido por toda a parte, e nesta capital a benefica instituição das casas d'asylo da infancia desvalida tem facilitado ás classes mais indigentes a instrucção necessaria para seus filhos. No imperio austriaco ha uma lei, vigente no archiducado, que prohibe aos parochos casarem mancebos que não saibam lér e escrever. Esta determinação é util: é um meio coercitivo, mas é um estimulo, e tanto mais poderoso quanto mais vai bater nas mólas intimas do coração humano. É lamentavel o descuido dos pais em muitas partes deste nosso reino; quercm deixar os filhos na classe dos brutos; habitua-los á preguiça e mendicidade importunando os passageiros com seus pedidos; e pô-los na forçosa necessidade de confiar a estranhos seus segredos, quando a fortuna os favorece; tudo pelo desmazelo de lhe não ministrarem com pouco

ou nenhum custo o saudavel alimento da instrucção primaria, tão precioso e indispensavel como o pão quotidiano.

É porem essencialissimo que os professores sejam escolhidos, que saibam manter e empregar devidamente a sua auctoridade para o aproveitamento moral dos alumnos; para o que parece que lhes serão uteis as regras seguintes: 1.<sup>a</sup> — Não usar da auctoridade sem muita reflexão, nem para cousas que não valem a pena. 2.<sup>a</sup> — Fazer executar á risca o que uma vez foi ordenado justamente. 3.<sup>a</sup> — Conservar firmeza, não concedendo o que houve razão de recusar, não tendo mudado as circumstancias. 4.<sup>a</sup> — Não fazer ameaças levianamente, cumprir porem as que se fizerem, não tendo havido emenda. 5.<sup>a</sup> — Ser igual sempre e invariavel na direcção e boa ordem da eschola, para que os discipulos se persuadam da bondade dessas disposições e aprendam a não infringir a lei. 6.<sup>a</sup> — Ser imparcial; porque aquelles a quem se mostra predilecção fazem-se atrevidos e altivos, e os outros menos favorecidos fazem-se invejosos, esquivos, e maldizentes: não exclue por modo algum este preceito os signaes de satisfação, os elogios e os premios, rectamente distribuidos aos bons, nem as demonstrações de descontentamento e os castigos prudentemente applicados aos que forem maus. Quere-mos tão sómente dizer que o mestre hade ser tão imparcial como o devem ser os legisladores e executores da lei. 7.<sup>a</sup> — Deve mostrar bom modo, mas não familiarisar-se com as creanças, que por seu natural inquieto são mui faceis em tomar liberdades com quem lh'as tolera. 8.<sup>a</sup> — Não dar a qualquer das cousas que se dizem aos meninos senão a sua rigorosa importancia, sem accrescentamentos ociosos, e sem falha do que é necessario que elles saibam: isto é, fallar-lhes sempre clara, verdadeira e concisamente. 9.<sup>a</sup> — Fugir de prégar longos sermões; ser breve quando prescrever qualquer cousa, e pôr todo o cuidado em que o não illudam e em que de prompto lhe obedecam. 10.<sup>a</sup> — Estudar a capacidade e o character de cada discipulo para distribuir com justiça o trabalho, a tarefa, o ensino, sem frouxidão, mas sem nimia exigencia.

Estamos persuadidos de que o professor que adoptar esta norma de procedimento no regimen da sua aula hade ser respeitado e não aborrecido dos que ensina, desempenhará o seu importante cargo, e será bemquisto dos seus compatriotas.

#### ENTRA ANTONIO DE FARIA Á FORÇA D'ARMAS A CIDADE DE NAUDAY.

PELOS annos de 1542 discorria com quatro pequenos baixeis o celebre capitão Antonio de Faria e Sousa pelos mares da China, e desejando a liberdade de certos portuguezes, que por casos adversos se achavam captivos na cidade de Nauday, pediu com termos cortezes ao governador da mesma cidade lhos quizesse largar, declarando que não duvidava contribuir com o que fosse justo para o seu resgate. Respondeu o governador com tanta arrogancia e desprezo que excitou nos portuguezes vivas chammas de indignação e ardentes desejos de vingança. Era, porem, ou parecia impossivel o effeito; porque o capitão apenas se achava com quatrocentos e setenta homens, dos quaes não passavam de sessenta os portuguezes; os outros eram de diversas nações do oriente. Todavia com estes se resolveu a empreza. Desembarcou velozmente, e foi demandando as portas, quando já por ellas sabiam mil e duzentos infantes e cem ginetes em nossa opposição; mas com tão

pouca ordem que animavam muito a nossa confiança. Foram laborando as bocas de fogo e cabindo grande numero de individuos. Sobre uma ponte foi a mortandade maior; porque a multidão apinhada não deixava passar balla em vão. O governador soberbo ainda e arrogante appareceu formidavel sobre um formoso cavallo com lusidas armas, pelejando e animando os seus com palavras e com exemplos, quando um soldado portuguez encarando nelle um mosquito o lançou morto em terra. Este feliz acerto poz feliz remate á facção. Puzeram-se os infieis em declarada e precipitada fugida, e sabindo por outras portas não deixaram aos expugnadores outro cuidado mais que o do saquearem a cidade, de cujos preciosissimos despojos se encheu largamente a cobiça militar. Seguiu-se ao saque o incendio, e desapareceu aquella nobre povoação em espaço breve; primeiro cuberta de chamma, e logo desfeita em cinzas. Recolheu-se o Faria aos seus navios, recobrados os portuguezes captivos, e proseguiu em outras memoraveis empresas.

#### O CARDEAL DE ALPEDRINHA.

D. JORGE da Costa, cardeal de Lisboa, ou como lhe chamavam vulgarmente o cardeal de Alpedrinha por ter nascido nesta villa da provincia da Beira, foi um dos homens notaveis do seu tempo; possuiu grande erudição nas divinas e humanas letras, e teve grande valimento tanto na cõrte do nosso D. Affonso 5.<sup>o</sup>, como na de Roma para com os pontifices, Sixto 4.<sup>o</sup>, Innocencio 8.<sup>o</sup>, Alexandre 6.<sup>o</sup>, Pio 3.<sup>o</sup> e Julio 2.<sup>o</sup> — Foi mestre da Sr.<sup>a</sup> D. Catharina, filha d'elrei D. Duarte, que se distinguiu pela cultura das letras, e verteu em linguagem o tratado da perfeição da vida monastica, que em latim escreveu o patriarcha de Veneza, S. Lourenço Justiniano. Foi tambem confessor de elrei D. Affonso 5.<sup>o</sup>, e do seu conselho; gozou tantas rendas e dignidades ecclesiasticas como nenhum outro ainda teve, e era a pessoa mais influente nos negocios do reino por aquelles tempos. A universidade de Coimbra o elegeu para seu Protector, nomeação confirmada pelo regio beneplacito. De bispo d'Evora passou a arcebispo de Lisboa. Não medrou porem com elrei D. João 2.<sup>o</sup>, cuja ambição de governo é bem conhecida. Aconteceu que voltando D. Affonso 5.<sup>o</sup> de França, passeava D. João então principe com o cardeal e outros á beira do rio, e perguntou aos companheiros como receberia seu pai que estava a chegar, responderam-lhe que como a seu rei e senhor e como a seu pai: não contentou ao principe a resposta e pegando n'um seixo da praia o despediu com força contra a corrente por onde foi fazendo repiquetes; então o cardeal virando-se para o duque de Bragança disse que esperava em Deus que a pedra lhe não daria na cabeça; e com prudencia e previsão de politico retirou-se occultamente para Roma, onde por seu raro saber alcançou grande influencia na expedição dos negocios, e onde falleceu de idade de 102 annos aos 19 de Setembro de 1508. Foram seus progenitores, Martim Vaz e Catharina Gonsalves, pessoas nobres e abastadas da villa de Alpedrinha, diocese e comarca de Castello-branco. Não mencionaremos mais particularidades da sua vida e numerosos empregos, porque as achará o curioso na memoria inserta na part. 1.<sup>a</sup> do tom. 8.<sup>o</sup> das Mem. da Acad., acompanhada de umas instrucções dirigidas pelo mesmo cardeal D. Jorge a elrei D. Manuel, das quaes extrahimos o seguinte paragrapho, conservando-lhe a orthographia antiquada,

«E pera se bem entender com Deus, cumpre-lhe que ame a Justiça, e seja bõ ministro della, e reputesse ministro de Deus em ha exercitar. Salamon, que foy Rey sobre todos os que foram em Israel, disse fallando ho Spirito Sancto per elle: — «Amae a Justiça aquelles (*que*) julgaes o mundo.» — Non disse amaae ha prudencia, nem amaae ha fortaleza, posto que virtudes sejam, porque estas podem receber misturas de vicios comsigo, que ho homem bem pode ser prudente e malicioso, forte e iracundo, que som vicios; mas ho Justo non recebe tal mistura, porque onde ha Justiça som todas as virtudes e uniam e concordia dellas; ella he aquella, sem a qual os Reys na verdade nom podem seer Reys, porque onde ella nom he, non ha hi Regnos; e onde Regnos non ha, tiranos pode aver, mas Reys non. Sancto Agostinho diz: — «Removida a Justiça, os Regnos non som senom grandes ladroeiras.» — E o filosofo diz, que mais necessaria he á republica ha Justiça que ha amizade. E esta se quer usar com grande discricão, non cõ grande severidade e aspereza, mas untada cõ ha misericordia e clemencia, da qual escreveu os sabedores, que faz hos homões mais semelhantes a Deus que outra virtude. E que ha Justiça se deve usar com misericordia, achará Sua Alteza em ha sancta escriptura, que he de mayor auctoridade que ha dos homões, em ha qual leemos que ha arca do tabernaculo, que Deus mandou fazer pera nelle seer louvado e adorado, eram duas cousas antre has outras, a saber, ha vara de Moyses, e ha mauná que cayo do Ceo, por nos dar entender que ha Justiça quer ceptro na mão ou vara, e ha mauná que era doce nos declara, que se hade fazer com clemencia e piedade; por tanto disse ysto mesmo David: *Virga tua et baculus tuus ipsa me consolata sunt.* Com ha vara castigam, e com ho cajado se sosteem e comportam; assy que o Rey castigue com ha vara, e com ho cajado sustente e comporte; porem assy seja ha clemencia temperada que non prejudique ha Justiça. Exemplo teemos em nosso Senhor, que non veo julgar, mas seer julgado; veo perdoar hos peccados, e non punirlos; veo demonstrar sua misericordia, e non vingança; pero veendo como de sua casa ou templo hos homões queriam fazer ladroeira, quasi esquecido da sua piedade e mansidão, a elle connaturaes, fez execuçam, e punio, castigando hos que compravam e vendiam em sua casa com disciplinas feytas de cordões duros, que som muy asperas; e assy ha Justiça ouve logar, e foy por entam suspensa ha misericordia a elle Christo connatural, e propria; ha armonia do governo e regimento he semelhante á armonia da musica, a qual requere que as cordas, segundo os logares onde stam, e sua grosseza e sotileza, assy has extendam em maneira que cada hã haja sua proporção des hi; que ha mão has toque onde, como, e quando cumpre pera se fazer boa consonancia e melodia; porque se disto falece, em logar darmonia faz-sse dissonancia, que non deleyta nem apraz.» —

A lascivia, a embriaguez, o jogo e a má-fé diminuem os bens e augmentam as precisões. Sahe mais caro sustentar um vicio que manter duas creanças.

Se comprardes o que vos é superfluo, não tardará que chegueis a vender o que vos é necessario. Reflexionai sempre antes de fazer o que chamam *boas-compras*. Tenho visto muita gente arruinada por causa dessas boas compras. É loucura gastar dinheiro para comprar um arrependimento.

Franklin.